

A FUNÇÃO SOCIAL DA HISTÓRIA

Luís Alberto Marques Alves

Faculdade de Letras
Universidade do Porto

1. PRESSUPOSTOS

“ (...) Sem consciência histórica sobre o nosso passado (e antepassados...) não perceberíamos quem somos. Esta dimensão identitária - quem somos? - emerge no terreno de memórias históricas partilhadas. Por isso, o sentimento de *identidade* - entendida no sentido de imagem de si, para si e para os outros - aparece associado à *consciência histórica*, forma de nos sentirmos em outros que nos são próximos, outros que antecipam a nossa existência que, por sua vez, antecipará a de outros. Ao assegurar um sentimento de continuidade no tempo e na memória (e na memória do tempo) a consciência histórica contribui, deste modo, para a afirmação da identidade - individual e colectiva (...).”(PAIS, 1999,p.1)

Actualmente os professores, de qualquer disciplina, enfrentam uma renovação dos seus papéis e um novo enfoque para as suas actividades. Ser professor hoje é, sobretudo, ter capacidade de dar resposta aos novos desafios, onde se destacam os seguintes:

- Capacidade para elaborar projectos educativos tendo em conta, por um lado, as particularidades do educador e dos seus alunos e, por outro, as especialidades do meio envolvente material e social. Como afirma Popham, a qualidade da aprendizagem numa situação de ensino deriva de um método particular, utilizado por um professor específico, para alunos específicos e perseguindo objectivos muito concretos.

- Capacidade para obter o máximo de êxitos, designadamente - como ideal - o de todos os alunos, apesar da sua heterogeneidade.

- Capacidade para valorizar a inteligência, mesmo aquela que se apresente muito oculta. Assumindo a inteligência como multiforme, deseja-se que o professor consiga aproveitar as cinco principais aptidões mentais primárias (compreensão verbal, fluidez verbal, aptidão espacial, raciocínio e aptidão numérica) mas crie ainda condições pedagógicas e didáticas para o desenvolvimento das aptidões intelectuais que se expressam em atitudes e valores.

- Capacidade para identificar os sobredotados e permitir-lhes a actualização do seu potencial para evitar que sejam vítimas de fracassos escolares motivados pelo desajustamento da aprendizagem e dos conteúdos.

- Capacidade de diversificar estratégias de motivação dos alunos.

- Capacidade de renunciar a impor o saber, a disciplina, procurando negociar, tendo em conta as ideias e os sentimentos pessoais: o constrangimento deve dar lugar ao contrato.

- Capacidade de atribuir ao saber um sentido que ultrapasse os efeitos puramente materiais (ganhar dinheiro...), revalorizando a cultura geral que, em última análise, protege contra a marginalização.

- Capacidade de passar a mensagem da perenidade e permanência da educação.

O professor de História tem pois, antes de mais, de circunscrever a sua actuação dentro da perspectiva educativa subjacente a todos os intervenientes na formação dos alunos, colocando depois os conteúdos da disciplina ao serviço desses princípios. Para a consecução desses objectivos tem de potencializar as virtualidades da História, eliminando o cepticismo da sua utilidade e evidenciando as possibilidades dos seus conteúdos.

2. HISTÓRIA - partir dos conteúdos e chegar à cidadania

Uma das preocupações das Conferências Permanentes dos Ministros Europeus da Educação e de algumas organizações internacionais como a UNESCO ou OCDE, tem sido a da importância do ensino da História no contexto da criação de uma identidade europeia. Numa das suas conclusões podia ler-se o seguinte:

“ (...) No que respeita ao projecto Ensino da História numa nova Europa (...) estão convencidos que pode e deve ter uma importante contribuição para a educação em geral e, em particular, para a educação de uma cidadania democrática permitindo aos jovens: -aprenderem acerca da sua herança histórica, bem como a de outras pessoas e nações; adquirirem e praticarem técnicas fundamentais, tais como a capacidade para tratar e analisar de forma crítica diferentes formas de informação e a capacidade de não se deixarem influenciar por informação preconceituosa e por argumentos irracionais; desenvolverem atitudes básicas tais como a honestidade intelectual e rigor, um julgamento independente, uma abertura de espírito, a curiosidade, a coragem civil e a tolerância (...).”(O *Ensino da História*, 1997, p.15)

Quando se fala de identidade, de consciência europeia, de tolerância, de intervenção cívica, de solidariedade... a História é requisitada para desempenhar um papel e uma função marcadamente social. Por outro lado, quando se questionam os jovens europeus e portugueses sobre o significado da História, vislumbram-se nas suas respostas a sua “valorização da História como fonte de aprendizagem”(PAIS, 1999, p. 21-22) e o seu respeito pela monumentalidade do passado. Em contrapartida atribuem um significado pouco relevante às matérias escolares, aos manuais ou até “às narrativas dos professores” (Idem, 1999, p. 37). Este desencontro entre potencialidades da História, função social a desempenhar e disciplina leccionada obriga-nos necessariamente a reflectir sobre o espaço que tem sido reservado à História e a que tipo de História.

Dentro do contexto enunciado valerá a pena reflectir sobre o papel que se deve atribuir à História, procurando responder à questão que sempre colocam sobre a sua utilidade.

Antes de mais o sentido de utilidade é um enfoque preverso. Aqueles que questionam por este prisma a História têm normalmente já assumida a preconceituosa resposta de que não serve para nada. A esses convirá logo esclarecer que a utilidade só pode ser equacionada na perspectiva de quem sabe, isto é, é possível no nosso quotidiano perceber aqueles que não tiveram História e distinguir e notar aqueles que compreenderam a sua mensagem. A História é uma forma de estar na vida, na sociedade, no exercício da cidadania. A sua utilidade vê-se na falta que faz àqueles que não entenderam que até o útil tem que ser belo e a beleza do presente tem os parâmetros da compreensão do passado.

Como defende José Mattoso, “(...) o que interessa não é gostar da História mas estar convencido que sem ela não se pode compreender o mundo em que vivemos (...). É a História que nos habitua a descobrir a relatividade das coisas, das ideias, das crenças e das doutrinas, e a detectar por que razão, sob aparências diferentes, se voltam a repetir situações análogas, se reproduz a busca de soluções parecidas ou se verificam evoluções paralelas. O historiador está sempre a descobrir no passado longínquo e recente o mesmo e o outro, a identidade e a variância, a repetição e a inovação (...)” (MATTOSO, 1999, p.14-17).

Para os mais cépticos e resistentes será conveniente partilhar os argumentos da vivência científica e didáctica. Esta demonstra que o conhecimento do passado é um substituto da experiência; é um alargamento da experiência vivida; é uma introdução ao possível, ao provável e ao humano. Este sentido deve ajudar a saber ouvir os outros, a agradecer a partilha da experiência, a compreender que há outros valores, a evitar um sentido unívoco da vida, a garantir uma maior disponibilidade que evite o permanente atrito entre gerações. A História pode ajudar a uma melhor convivência entre as diferentes épocas da família.

Mas a História permite também reviver o passado encontrando pontos de referência que diminuam a angústia e a incerteza do presente. O quadro de referência que a história dos homens fornece, minimiza a importância dos nossos problemas, subalterniza aquilo que nos parece essencial, evidencia as permanências naquilo que muda, garante estabilidade e racionalidade nas decisões. A paz de espírito pode ser uma das utilidades do conhecimento do passado porque transforma o presente no seu espaço de experiência e concebe o futuro como um horizonte de expectativa.

Num outro sentido, a intervenção social alimenta-se do conhecimento da identidade nacional. É a História que nos fornece as origens, as genealogias, as ligações, as persistências. É ela que nos legitima as boas causas e denuncia as más experiências. É ela que permite um conhecimento mais realista e racional do presente pela compreensão das raízes do passado. Cercear o acesso a esse conhecimento é transformar humanos em autómatos, é transformar cidadãos em plebe. A irreverência consciente passa pela compreensão da nossa identidade e esta passa pelo papel da História na nossa formação. É o conhecimento do passado que garante o sucesso do exercício da cidadania.

Mas o passado é ainda o refúgio para a fugacidade do presente. Só nesse esconderijo cultural poderemos ter a liberdade de sentir a nostalgia, de dar asas ao sonho, de ter espaço para a certeza, de sermos condescendentes. As alterações

políticas poderão ter a nossa simpatia ou o nosso desprezo; as alterações económicas poderão merecer a nossa condescendência; a vida social poderá levar-nos até à nostalgia; a cultura, a arte e as mentalidades serão o nosso trampolim para o sonho.

Para este novo enfoque, a especificidade das diferentes temáticas devem merecer uma leitura transversal que ultrapasse a mera reprodução dos programas ou das interpretações dos autores de manuais. Urge encontrar temáticas unificadoras que privilegiem uma visão prospectiva tanto na leccionação como depois na avaliação formativa ou global. Alguns exemplos explicitarão este tipo de abordagem: os momentos de guerra e de paz na História; os períodos de maior intercâmbio civilizacional; a superação do isolamento nas diferentes épocas; o papel da religião na evolução histórica; a identificação dos momentos de solidariedade nacional ou internacional; as épocas de maior criatividade cultural, artística e científica; ou ainda, o exercício da cidadania nas diferentes épocas históricas. Olhando assim para os conteúdos programáticos, ou de forma similar, a História passaria a ter um sentido relacional, utilitário e prospectivo. Com perspectivas menos situadas cronologicamente, com relações mais ricas, com temáticas mais potenciadoras da participação dos alunos, garantir-se-ia, estou convencido, uma motivação acrescida para os refractários à História. A variedade dos recursos, das estratégias, das avaliações tornar-se-ia menos inacessível. A História poderia cumprir melhor, pela empatia, o seu papel.

BIBLIOGRAFIA

MATTOSO, José (1999). *A Função Social da História no Mundo de Hoje*. Lisboa, A.P.H..

MONIOT, Henri (1993). *Didactique de l'Histoire*. Paris, Éditions Nathan.

PAIS, José Machado (1999). *Consciência Histórica e Identidade - Os Jovens Portugueses num contexto europeu*. Oeiras, Celta Editora/S.E.J..

UNESCO. International Commission on Education for the twenty-first century (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Tradução de José Carlos Eufrazio. Porto, Edições ASA.